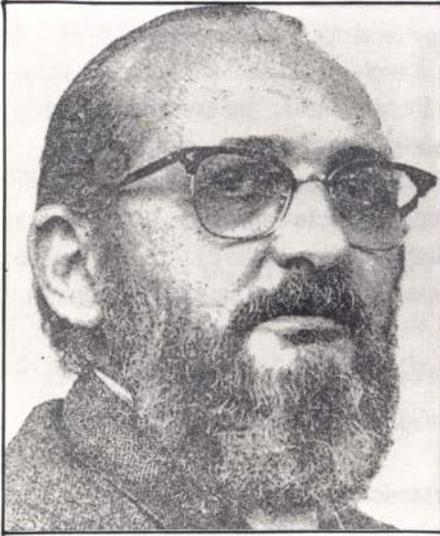


A educação neste fim de século

Uma entrevista com o Prof. Paulo Freire



in «Education: The practise of freedom»

Entendendo como indiscutível o papel que o Prof. Paulo Freire tem desempenhado na área da alfabetização, a FORMA atravessou, por fax, o Atlântico e dirigiu-lhe as cinco questões que aqui se juntam. O Prof. Paulo Freire optou, em vez de uma resposta directa, por uma conversa com o seu colaborador Moacir Gadotti. É o texto dessa conversa que aqui se reproduz, certos de que o seu pensamento e a sua prática encontram aí os seus fundamentos e a sua esperança.

Paulo Freire nasceu em 1920 na cidade do Recife, Brasil. É, reconhecidamente, um dos maiores vultos na área da alfabetização, desde que, em 1947, começou a trabalhar com adultos, no Nordeste brasileiro. Baseando-se na condição de que "ninguém educa ninguém", "ninguém se educa sozinho" e "os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo", Paulo Freire criou um método original, ainda hoje usado em muitos países.

Moacir Gadotti, nasceu em 1941, em Rodeio, Santa Catarina, Brasil. É professor da Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo. Publicou vários livros nos quais tem vindo a desenvolver a defesa da formação crítica do educador dentro de uma concepção dialéctica da educação e a construção de uma escola pública popular. É colaborador habitual do Prof. Paulo Freire e coordena o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de S. Paulo.

-
- 1 — Senhor Professor, durante mais de vinte anos, alfabetizou o Brasil. Que avaliação faz do seu método e da sua filosofia, em 1990?
 - 2 — Ainda considera que é “fantástica a capacidade do amor”? E qual a dimensão pedagógica do seu entendimento do amor?
 - 3 — Como “futuriza” a sua estratégia numa sociedade altamente tecnológica e vertiginosamente mutante?
 - 4 — Numa época em que essa evolução tecnológica parece ter criado, também, uma civilização do vazio, que sentido faz para si, a palavra (geradora?) cultura?
 - 5 — Cada vez mais se fala em aquisição de saberes em detrimento de uma hipotética sabedoria etiquetada. No seu entender, como fazer a interacção entre a leitura e a escrita de acontecimentos ou relações ainda não observados?
-

Moacir Gadotti — Paulo, o Ministério da Educação de Portugal está encaminhando uma série de perguntas que gostaria de ver respondidas para a leitura dos jovens professores de Portugal.

Em síntese, estas perguntas procuram avaliar o que é o seu pensamento, hoje, a actualidade do seu método, de sua filosofia, para a construção da educação da sociedade do futuro. Você afirmou, certa vez, que “a capacidade do amor é fantástica”. O Ministério da Educação de Portugal pergunta: Qual a dimensão pedagógica do seu entendimento do amor? Como “futuriza” sua estratégia numa sociedade altamente tecnológica?

Como é que você vê a contribuição do educador, hoje, para a construção de uma sociedade solidária?

Paulo Freire — *Acho que uma das boas coisas que um jovem, uma jovem, um adulto, um homem velho, qualquer um de nós tem como tarefa histórica, é assumir o seu tempo, integrar-se, inserir-se no seu tempo. Para isso, porém, e mais uma vez, eu chamo a atenção dos moços para o facto de que a melhor maneira de alguém assumir seu tempo, e assumir também com lucidez, é entender a história como possibilidade. O homem e a mulher fazem a história a partir de uma dada circunstância concreta, de uma estrutura que já existe no meio em que a gente*

chega. Mas esse tempo e esse espaço têm que ser um tempo-espaço de possibilidade, e não um tempo-espaço que nos determina mecanicamente. O que eu quero dizer com isso é que, no momento em que entendo a história como possibilidade, também entendo sua impossibilidade. O futuro não é um pré-dado. Quando uma geração chega ao mundo, seu futuro não está predeterminado, preestabelecido. Por outro lado, o futuro não é também, por exemplo, a pura repetição de um presente de insatisfações. O futuro é algo que se vai dando, e esse “se vai dando” significa que o futuro existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futuro; por isso, então, a história é possibilidade e não determinação.

Moacir Gadotti — Agora, se a história é essa possibilidade, se eu então, me assumo no meu tempo, tenho que descobrir quais são as tarefas fundamentais desse tempo. O que dizer a esses jovens que farão a educação do futuro?

Paulo Freire — *Evidentemente que não poderia ter a pretensão de dizer a eles e a elas quais são suas tarefas, mas posso dizer-lhes o que tenho assumido como tarefas, e quais têm sido as tarefas da minha geração... Acho que a tarefa mais fundamental que a gente tem aí, neste fim de século, e cuja compreensão se antecipou em muito ao final deste século é a tarefa da libertação. Veja bem, não é sequer a tarefa da liberdade. Acho que a liberdade é uma qualidade natural do ser humano. Até diria, com mais radicalidade, que a liberdade faz parte da natureza da vida, seja ela animal, seja ela vegetal. A árvore que cresce, que se inclina procurando o sol, tem um movimento de liberdade, mas uma liberdade que está condicionada à sua espécie, a um impulso vital apenas. Difere-se um pouco da liberdade do animal. Hoje, nós nos perguntamos sobre a tarefa de libertação enquanto restauração da liberdade, ou enquanto invenção de uma liberdade ainda não permitida. Então, acho que essa vem sendo uma tarefa permanente, histórica. Não diria que é a maior tarefa, ou a única, mas é a tarefa central a que outras se juntarão. Acho fundamental que, compreendendo a história como possibilidade, o educador descubra a educação também como possibilidade, na medida em que a educação é profundamente histórica. Quando a gente compreende a educação como possibilidade, a gente descobre que a educação tem limites. É exatamente porque é limitável, ou limitada ideológica, económica, social, política e culturalmente, que ela tem eficácia. Então, diria aos educadores que estão hoje com dezoito anos, e que, portanto, vão entrar no outro século, no começo da sua vida criadora, que, mesmo reconhecendo que a educação*

no outro século não vai ser a chave da transformação do concreto para a recriação, a retomada da liberdade, mesmo que saibam que não é isso, estejam convencidos da eficácia da prática educativa como elemento fundamental no processo de resgate da liberdade.

Moacir Gadotti — Ao se referir ao futuro como possibilidade, a juventude de hoje nos fala menos em categorias sociológicas e mais em categorias éticas e antropológicas. São categorias relacionadas com o amor, a amizade, a transparência, a vontade política. A educação que está nascendo com essa juventude fala muito em vida, singularidade, corpo. O corpo passa a ser uma preocupação que é resgatada de forma progressista. Parece que a luta pela libertação, em algumas gerações passadas, não valoriza tanto o corpo das pessoas, era mais social. Essa nova geração quer fazer libertação com prazer, com amor, com o corpo. Como é que você vê isso? Acho que sua pedagogia tem valorizado muito o singular, a pessoa, o indivíduo nessa luta. Acho que, por isso, suas ideias são hoje ainda mais atuais do que no passado, por causa desse resgate da singularidade. Você valoriza a contribuição de cada um no processo de transformação da história. Gostaria que você recomentasse um pouco isso.

Paulo Freire — *Eu até pediria aos leitores e às leitoras de Portugal um pouco de desculpas, pois o que eu vou dizer pode parecer pouco humilde, mas tem a ver exatamente com o comentário que você fez. Você disse, como analista que é, que sente que, pelo menos algumas dessas ideias, ou o próprio espírito dessa pedagogia, estariam tendo receptividade até maior hoje. É verdade, eu estive nos Estados Unidos, recentemente, e vi de novo que, por exemplo, não é por acaso que ali a Pedagogia do Oprimido está na vigésima sétima edição e, em espanhol, na trigésima quinta. Essa coisa tem a ver com isso que tu dizias. Tu fazes uma afirmação clara, tu aceitas, tu abraças um certo tipo de compreensão do mundo, de compreensão da luta. Está claro que tu não apenas simpatizas com essa compreensão em torno do corpo, mas tu também entendes essa compreensão, tu entendes o papel desse corpo. Recentemente, eu vi, num exame de qualificação, como tu vibravas diante do trabalho da candidata com relação ao problema do corpo, salientando porém — e tu fizeste muito bem — que, afinal, o corpo é o que eu faço, ou talvez melhor, o que eu faço faz meu corpo. O que acho fantástico nisso tudo é que meu corpo consciente está sendo porque faço coisas, porque atuo, porque penso. A importância do corpo, é indiscutível; o corpo move-se, age, memoriza a luta de sua libertação,*

o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque o corpo também se constrói socialmente. Mas acontece que ele tem uma importância enorme. E a sua importância tem a ver com um certo sensualismo. E te confesso: não acredito em revolução que negue o amor, que coloque a questão do amor entre parêntesis. Nisso sou guevariano, che-guevariano. O amor e a revolução estão casados. Há muito sensualismo, que o corpo guarda e explicita, ligado até mesmo à capacidade cognoscente. Acho um absurdo afastar o ato rigoroso de saber o mundo da capacidade apaixonada de saber. Eu me apaixono não só pelo mundo mas pelo próprio processo curioso de conhecer o mundo.

Moacir Gadotti — Paulo, o que tem sido transmitido aos jovens, sobretudo pelos meios de comunicação, é que *ser revolucionário é ser sisudo, feio, chato, mofado. É essa a ideia de revolução que é transmitida, que revolucionário ...*

Paulo Freire — ... *faz amor de camisola.*

Moacir Gadotti — Exatamente. Essa pedagogia que a gente quer construir com a juventude que vai fazer a pedagogia nova, com os jovens que, daqui a pouco, também vão escrever seus livros e construir uma pedagogia revolucionária, certamente não será uma pedagogia rançosa ...

Paulo Freire — *Pode até voltar a ser, mas não creio. Veja você, um homem como Georges Snyders, o grande educador francês, que, para mim, é uma das melhores expressões de uma concepção séria da pedagogia neste fim de século. Ele é um socialista com clara opção marxista e com uma lealdade criadora ao pensamento marxista. Seu último livro, La Joie à l'Ecole (A Alegria na Escola), é um hino à alegria. O que ele faz é convidar o educador a fazer alegria através da educação. A escola que ele descreve, a escola dos sonhos dele, é uma escola saltitante. Mas nem por isso, ela é menos séria. Em Snyders, isso seria um absurdo. Seria um absurdo imaginar que ele pudesse estar defendendo a falta de seriedade. Concordo contigo. Essa mocidade que nos está lendo hoje não vai construir uma pedagogia da frouxidão, da licenciosidade. Mas acho que a tarefa da liberdade, a tarefa da libertação, a história como possibilidade, a compreensão do corpo consciente e sensual, cheio de vida, isso tudo exige necessariamente uma pedagogia do contentamento. Me lembro agora, ao fazer esses*

comentários, de quando estive em Cuba participando de alguns seminários que me agradaram imensamente, lá conheci uma jovem professora de ética marxista da Universidade de Havana, que me deu um texto sobre o amor, escrito por ela, no qual o amor é discutido do ponto de vista ético-marxista. Ela submeteu seu texto aos jovens da Universidade de Havana, e me disse que essa juventude universitária cubana cobrava, no debate que teve com ela, a explicitação do amor: queriam liberdade para amar e amar para serem livres. As jovens, por exemplo, no âmbito da relação amorosa, protestavam contra a carência, a falta de namoro por parte dos jovens. Elas cobravam um certo afeto, uma certa brincadeira afetiva, amorosa. Então eu acho, Gadotti, que a amorosidade, a afetividade, não enfraquecem em nada, primeiro, a seriedade de estudar e de produzir; segundo, não obstaculizam em nada a responsabilidade política e social. Eu tenho vivido minha vida amorosamente.

Moacir Gadotti — O que eu vejo nessas suas colocações é que nós já estamos vivendo a educação deste fim de século, que é uma educação que cumpre sua tarefa essencial de reprodução e construção do saber, dentro de uma perspectiva nova. A escola tradicional insistia que só se aprende com esforço, através do castigo, apanhando. Hoje, ao contrário, os jovens exigem charme e beleza, boniteza, integração entre o que eles estudam e sua vida. Revoltam-se contra o autoritarismo. Mas isso não é exatamente o que os gregos chamavam de *paidéia*, “educação integral” e Marx de “educação omnilateral”? No fundo, a construção da educação do futuro nos remete ao passado, a alguma coisa de original que ela tinha no começo. Só que, hoje, ela adquire uma conotação muito mais social do que na Grécia, onde era acentuadamente individualista. Ela está integrada hoje na construção alegre do coletivo. Me permita colocar-lhe outra questão: a escola pública que queremos construir não é uma extensão da escola pública burguesa para todos, porque a gente sabe que essa escola burguesa é elitista e, portanto, não pode se estender a todos. Por isso, a gente fala em escola pública popular, isto é, uma escola para todos, com uma gestão popular e uma nova qualidade. Como você vê o nascimento dessa escola hoje? Como você vê esse novo emergindo do velho?

Paulo Freire — *Vejo isso como uma das curiosidades do tempo ou uma das razões de ser de certas curiosidades do tempo. Diria à juventude que terá acesso a essa entrevista que, entregando-se à aventura dessa escola séria, rigorosa, alegre, jamais prescindida do ato sério de estudar, que jamais confunda essa alegria com a alegria fácil do*

não-fazer, que ela prova que a escola tradicional pecou aí também, não é preciso enrijecer as mesas mais do que a madeira já as faz endurecidas; não é preciso endurecer o porte das crianças, não é preciso pôr colarinho e gravata na criança para que ela, imbuída de um certo sofrimento, que é o sofrimento do saber, possa aprender. Não. Mas, por outro lado, é preciso não afrouxar, para que a criança não se perca apenas no brinquedo, apenas em alegria. Saber é um processo difícil, realmente, mas é preciso que a criança perceba que, por ser difícil, o próprio processo de estudar se torna bonito. Acho também que seria errado falar ao estudante que há uma compensação de alegria no ato de estudar. O importante é que a criança perceba que o ato de estudar é difícil, é exigente, mas é gostoso desde o começo.

Moacir Gadotti — Justamente, Paulo, o que o Georges Snyders fala em seu livro *La Joie à l'École* é que não há uma separação entre o cognitivo e o afetivo. Ele demonstra que o educador deste final de século, como estamos falando, é aquele que consegue realizar, na prática, essa unidade dialética, que o educador tradicional não conseguia ...

Paulo Freire — *... e que certas pedagogias novas também não conseguem porque exacerbam a alegria, a afetividade, em detrimento da cognitividade.*

Moacir Gadotti — Eu acredito que a pedagogia tradicional não tinha condições de perceber esse fato, porque foi apenas no começo deste século que as ciências da educação se desenvolveram e mostraram o quanto o afetivo é determinante na construção do cognitivo. A pedagogia tradicional não podia contar com as armas do conhecimento que só se desenvolveram a partir da pedagogia da Escola Nova: o ato de conhecer é tão natural quanto o ato de andar, de se alimentar, de amar, etc. Por isso, ela dissociava o afetivo do cognitivo ... e como dissociava, apelava demasiado para a disciplina. Na medida em que o ato de aprender tornou-se uma coisa mais ou menos fora do contexto habitual, era preciso disciplinar o aluno para que ele pudesse aprender. Evidentemente, mesmo sem dicotomizar, o ato de estudar exige, desde que começa a ser experimentado, uma disciplina que faz parte dele, uma disciplina que o move e sem a qual o estudante não pode estudar. Porém, essa disciplina não é, de jeito nenhum, uma disciplina que martiriza. É isso que precisa ficar claro.

Moacir Gadotti — Você é hoje, desde 1.º de Janeiro de 1989, Secretário da Educação de uma das maiores

idades do mundo. O que você está fazendo para essa educação do futuro? Você é um educador ... Por que?

Paulo Freire — *Assumir a Secretaria da Educação da cidade de S. Paulo, ao lado do grande desafio e responsabilidade que isto representa, é para mim, sem dúvida, o momento de buscar pôr em prática, um conjunto de propostas com que há muito venho sonhando e sobre que venho escrevendo e discutindo. Considero, no entanto, que as ideias que venho apresentando e defendendo, tanto em minhas obras, como em minha atuação como professor no Brasil e no exterior, são compartilhadas também por educadores progressistas que desejam uma escola pública democrática, responsável, séria. Por isso, tenho me referido à necessidade de mudar "a cara da escola" nesta Administração porque tenho certeza de que esta escola que expulsa os alunos (e isto tem sido chamado de evasão escolar), que reproduz as marcas de autoritarismo deste país, nas relações dos educadores com os alunos, que tem bloqueado a entrada dos pais e da comunidade na escola, não tem uma "cara" de que se possa gostar e manter. No entanto, é preciso que se compreenda que a mudança da "cara" da escola não se pode fazer de um dia para o outro ou tão depressa como eu desejaria que fosse. Isto porque a minha opção de como fazer a mudança da escola implica ouvir todos os que fazem a escola (pais, educadores, alunos, funcionários bem como a comunidade em que esta se situa e os especialistas nas diferentes áreas de conhecimento). E isto não é um simples e exclusivo trabalho técnico ou administrativo. Considero que desde os primeiros momentos de minha gestão iniciei com a minha equipe de trabalho, uma grande ação para que isso possa ocorrer. Esta não é, porém, uma conquista que se possa completar em seis meses de administração. As maiores dificuldades, para avançar no rumo da melhoria do trabalho pedagógico da escola, nestes primeiros meses, estiveram no fato de concentrar mais esforços do que aqueles que normalmente seriam necessários para equacionar os reparos de uma rede física totalmente sucateada com um orçamento extremamente exíguo deixado pela administração anterior. Da precariedade geral em que se achavam as escolas, 49 unidades estavam em condições tão graves que tiveram de ser parcialmente fechadas para reforma, para não pôr em risco a vida de estudantes, professores e funcionários. Encontrei ainda, na rede, um deficit de 30 000 carteiras, o que fazia com que os meninos e as meninas tivessem que assistir às aulas em pé ou sentados no chão. Isto é incrível quando se pensa que estamos na cidade de S. Paulo e revela, sobretudo um desrespeito das administrações*

anteriores pela educação e pela coisa pública. Acrescento ainda um obstáculo que se localiza no emperramento da própria máquina administrativa. Em certos casos, até se consegue o recurso necessário para determinadas ações, mas a burocracia é tão lenta e complicada que, na verdade, acaba sendo uma barreira tão grande que parece ter sido inventada para que as coisas não se façam, não andem.

Quero insistir, no entanto, que a escola que se quer não nascerá de puro decreto publicado no Diário Oficial como será a escola, mesmo porque isto, além de ser uma postura autoritária, em nada garante que a escola será melhor. Mudar a escola na direção que esta administração deseja, implica um trabalho profundo e sério com os educadores que tem a ver com a questão ideológica, com o assumir compromisso, com a qualificação dos profissionais e este caminho é, no seu entender, a dificuldade maior a transpor. Não considero porém, que seja uma dificuldade intransponível.

Moacir Gadotti — Paulo, uma última pergunta, a pedido do Ministério da Educação de Portugal. Numa sociedade tecnologicamente avançada, como você vê a importância disso na educação.

Paulo Freire — *Estou convencido de que demos mais um passo na administração da Secretaria de Educação da cidade de S. Paulo para ficar à altura do nosso tempo. Refiro-me ao Laboratório Central de Informática Educacional — que inauguramos em Agosto deste ano — e vai formar os primeiros professores que atuarão como monitores nas escolas da cidade, selecionadas para iniciar o Projeto Gênese. Nosso objetivo, até o final da gestão, é o de implantar computadores em todas as escolas da rede, para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.*

Penso que a educação não é redutível à técnica, mas não se faz educação sem ela. Não é possível, a meu ver, começar um novo século sem terminar este. Acho que o uso de computadores no processo de ensino-aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Depende de quem usa a favor de quê e de quem e para quê. Já colocámos o essencial na escolas, agora podemos pensar em colocar computadores. Afinal, precisamos superar o atraso cultural do Brasil em relação ao primeiro mundo. Não viemos para a Secretaria de Educação para assistir ao fim das escolas e do ensino, mas para empurrá-los para o futuro. Estamos preparando o terceiro milênio, que vai exigir uma distância menor entre o saber dos ricos e o saber dos pobres.